



Vol. 15, nº 2, (2018)

**CARREGANDO ÁGUA NA PENEIRA:  
UMA ANÁLISE DO POEMA DE MANOEL DE BARROS**

\*\*\*

**CARRYING WATER IN THE SIEVE:  
AN ANALYSIS OF THE MANOEL DE BARROS' POEM**

Rebeca Cacho<sup>1</sup>

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges<sup>2</sup>

**Recebimento do texto:** 06/07/2018

**Data de aceite:** 11/08/2018

**RESUMO:** O presente trabalho tem por intuito analisar o poema de Manoel de Barros, intitulado “O menino que carregava água na peneira”, de acordo com a *Semântica do Acontecimento*. Para isso, percorremos um arcabouço teórico fundamentado, principalmente, no autor Eduardo Guimarães, do qual utilizamos o conceito de *Domínio Semântico de Determinação – DSD*, de modo a representar a constituição dos sentidos que possam ser dados à expressão “carregar água na peneira” subjetivamente e semanticamente. Em outras palavras, pode-se entender que os sentidos das expressões não são referenciais, ou seja, não podem ser tomadas como verdades absolutas. Outros estudiosos, como, por exemplo, M. Bakhtin, C. Freitas, Ana C. Nascimento, entre outros, foram, de acordo com a necessidade, utilizados. No decorrer do trabalho buscou-se a possibilidade de apresentar conceitos básicos da *Semântica do Acontecimento*, levando em consideração que o sentido é produzido pelo acontecimento da linguagem e pelo funcionamento da língua nos espaços de enunciação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica do Acontecimento; Manoel de Barros; Água na peneira; Poesia.

**ABSTRACT:** The present article aims to analyze the Manoel de Barros' poem entitled: "The boy who carried water in the sieve" according to Event semantics. For this, we go through a theoretical framework based, mainly, according to the author; Eduardo Guimarães, from which we use the concept of Semantic Domain of Determination - DSD, to represent the constitution of the senses that can be given to the expression "load water in the sieve" subjectively and semantically. In other words, one can understand that the meanings of expressions are not referential, that is, they can not be taken as absolute truths. Other scholars, such as, for example, M. Bakhtin, C. Freitas, Ana C. Nascimento among others were, according to necessity, used. In the course of the work we sought the possibility of presenting basic concepts of Semantics of the Event, taking into account that the meaning is produced by the occurrence of language and the functioning of language in the spaces of enunciation.

**KEY-WORDS:** Event semantics; Manoel de Barros; Water in the sieve; Poetry.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Contato: [cacho.rebeca@gmail.com](mailto:cacho.rebeca@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutorando em Literatura na Universidade de Brasília - UnB. Contato: [igoralexandre@hotmail.com](mailto:igoralexandre@hotmail.com)



## Palavras iniciais

O presente artigo tem por objetivo buscar a definição do enunciado “água na peneira” presente no poema “O menino que carregava água na peneira”, do poeta sul mato-grossense Manoel de Barros. A linha teórica principal deste trabalho está assentada sobre a Semântica do Acontecimento, tendo o conceito de *Domínio Semântico de Determinação – DSD*, para representar a constituição dos sentidos que possam ser dados à expressão *subjetivamente* e *semanticamente*, em outras palavras, em que se pode entender que, os sentidos das expressões não são referenciais, ou seja, não podem ser tomadas como verdades absolutas.

No decorrer do trabalho buscar-se-á a possibilidade de apresentar conceitos básicos da *Semântica do Acontecimento*, levando em consideração que o sentido é produzido pelo acontecimento da linguagem e pelo funcionamento da língua nos espaços de enunciação. Para a escolha do texto e desenvolvimento das inquietações relacionadas à poesia Barreana, foi percorrido um caminho no qual o autor em questão – Manoel de Barros – fez e faz parte da vida pessoal de inúmeras pessoas, inclusive, dos autores deste trabalho, o que torna a escrita do artigo um ato ainda mais “saboroso” e claro, porque falar da obra poética de Manoel de Barros é sempre algo prazeroso.

O autor em questão dispensa apresentação, no entanto, fazê-la mesmo que de forma objetiva se faz necessário, devido sua figura como poeta possuir destaque dentro do território da poesia brasileira. Manoel de Barros (1916-2014) foi um poeta brasileiro, nascido no estado de Mato Grosso, mas, que se muda e consolida residência no estado de Mato Grosso do Sul. Com uma escrita bastante peculiar e com características marcantes, como, por exemplo, as temáticas fortemente ligadas ao universo pantaneiro, lugar o qual ele muito



amava, à simplicidade, à profundidade, os esquemas que constroem um aspecto de domínio com a linguagem que ultrapassa o simples manejo, criando arranjos linguísticos, como, por exemplo, o nome da obra: “O livro das Ignorças”, um arranjo interessante e que realiza escolhas e fusões de palavras que não apenas tocam no imaginário do leitor, como também, dialoga muito com a produção de uma Vanguarda do Primitivo, como mencionado por Douglas Diegues e Bosco Martins, os autores destacam que, “é uma vanguarda, mas é primitiva, que renova. Ler a palavra, a poesia, renova a gente. O original vem das palavras, do contato que você tem com o primitivismo” (2006, p. 32).

Ainda no que concerne este assunto, Bosco Martins (2006, p.31) destaca que Manoel de Barros faz parte de uma vanguarda primitiva, que “quer transformar o grau de conhecimento em índice de desenvolvimento humano através da fascinação pelo primitivo”. Em outras palavras pode-se destacar que o poeta buscar deixar um rastro dentro de sua poesia, que assevera o retorno ao primitivismo das palavras, isto pode ser um dos fatores principais para se pensar esta estética específica produzido em sua obra poética. A ideia de um momento de vanguarda com um pensamento que resgata o primitivo, casa bem com a carnavalização, Bakhtiniana, em que ele destaca “a ideia de acabamento e perfeição, a toda a pretensão de imutabilidade e eternidade, necessitava manifestar-se através de formas de expressão dinâmicas e mutáveis (protéicas), flutuantes e ativas” (BAKHTIN, 1987, p. 09).

Ao se pensar na figura do autor, cronologicamente falando, ele pertence à Geração de 45. Como é de conhecimento comum, ele é aclamado na atualidade como um dos maiores poetas brasileiros da



contemporaneidade<sup>3</sup>. Isto é um dos aspectos que torna um pouco difícil apesar da qualidade de Manoel de Barros, falar dele enquanto a sua fortuna crítica está sendo construída. Manoel de Barros conseguiu dialogar de forma tão profunda com a poesia e conseguiu criar em sua obra, uma vivacidade que ultrapassa as palavras – o código linguístico propriamente dito, conseguindo tocar o íntimo do ser humano, ou em outras palavras, poderíamos resgatar a fala de Bakhtin e dizer que ele consegue manifestar por meio da poesia as formas dinâmicas que flutuam e são ativas.

O autor possui em sua obra algo que além de uma linguagem simples, é possível perceber como ele de forma lúdica brinca com as palavras, como se fosse um quebra-cabeça, faz da língua seu caleidoscópio, e a partir dele pinta palavras em versos e, como ele mesmo diz: “palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria” (BARROS, 2000, p.71), sua poesia mostra uma consciência artística viva, nela é possível encontrar um profundo caráter reflexivo<sup>4</sup>, algo próximo a um processo poético-dialético, pois, nenhuma palavra em suas poesias é usada apenas por serem usadas. E, nas palavras de Barros “Não é por fazimentos cerebrais que se chega ao milagre estético senão que por instinto linguístico” (BARROS, 2002, p. 81).

Manoel de Barros foi consagrado como poeta entre as décadas de 1980 e 1990. A visão cosmopolita de Manoel de Barros possibilitou a ele um olhar mais espontâneo, leve, primitivo, (primitivo no sentido de como ele estabelecia as ligações com as coisas da natureza, e, de certa forma, das

---

<sup>3</sup> Para maiores informações vide: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4029/manoel-de-barros>.

<sup>4</sup> Salienta-se este aspecto de um pensamento reflexivo, ao nos depararmos com a própria fala de Manoel de Barros em que afirma: “Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário” (BARROS, 2000, p.67).



relações linguísticas, líricas e poéticas que carrega sua poesia, um exemplo, é o caso da poesia que é analisada.

Em relação a sua biografia, o autor possui mais de vinte livros publicados, entre eles: “Compêndio para uso dos pássaros” de 1961, “Gramática Expositiva do Chão” de 1969, “Matéria de Poesia” de 1974, “O Guardado de Águas” de 1989, “Retrato do Artista quando coisa” de 1998, “O fazedor de Amanhecer” de 2001. Além de suas obras, Manoel de Barros recebeu alguns prêmios entre os quais se destacam: “Prêmio Orlando Dantas” de 1960, “Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal” de 1969, “Prêmio Nestlé” de 1997, “Prêmio Cecília Meireles” (literatura/poesia) de 1998. O autor faleceu na cidade de Campo Grande - Mato Grosso do Sul, no dia 13 de Novembro de 2014.

Este trabalho se inicia fazendo uma trajetória baseada no autor Eduardo Guimarães acerca linguagem e enunciação, e o conceito de semântica do acontecimento. Neste sentido, o primeiro passo foi entender que a semântica é construída quase que, majoritariamente, por meio da linguagem e que é necessário sabermos o que significa uma forma e seu funcionamento como um todo. Utilizaremos a proposta de Eduardo Guimarães (2007) – Domínios Semânticos de Determinação (DSD<sup>5</sup>) – como uma ferramenta para a análise da semântica do acontecimento com as palavras por fim eleitas. Não podemos esquecer que é de extrema importância o sujeito em toda esta linguagem, levando-se em conta que existe toda uma constituição histórica por trás deste na sua relação com a língua, sendo assim, sempre será necessário pensar como será descrita tal relação.

---

<sup>5</sup> Doravante: DSD.



## **A semântica do acontecimento – enunciado e enunciação**

Para falar acerca da semântica do acontecimento é necessário que compreendamos a princípio, enunciação, enunciado e o acontecimento. Segundo GUIMARÃES (2005, p. 12), em relação ao acontecimento:

[...] dois elementos são decisivos para a conceituação desse elemento de linguagem: a língua e o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua no qual enuncia-se algo. [...] um terceiro elemento decisivo [...] na constituição do seu acontecimento é a temporalidade.

Assim, pode-se conceituar o acontecimento, de acordo com Guimarães, como aquilo que se diz por meio da construção da linguagem, da forma como esta faz parte de uma construção maior. Sendo assim, entende-se que essa unidade maior é o texto, assim, podemos compreender o significado das palavras naquilo que é dito e que, conseqüentemente, constrói o pensamento da palavra na língua.

Ainda de acordo com mesmo autor, outro ponto importante para ser mencionado é a temporalidade, afinal, um fato não acontece de modo isolado no tempo e no espaço, e quando se escreve algo, não seria diferente. A temporalidade do acontecimento é um elemento, potencialmente, relacionado ao sentido no tempo presente, entretanto, permite que haja um regresso no tempo para explicação de fatos anteriores e/ou uma progressão que faça menção ao tempo futuro, não perdendo o sentido do desenvolvimento textual.

Esse lugar de constituição de sentidos pode ser conceituado como designação, em que a relação entre a linguagem e o objeto são instáveis, podendo haver movimento nos discursos. Neste sentido,



Vol. 15, nº 2, (2018)

o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. (GUIMARÃES, 2005, p. 09).

Para o desenvolvimento desse artigo e da breve análise do poema de Manoel de Barros, cabe lembrar que ao integrarem um texto é necessário que haja uma relação de sentido por serem signos e não apenas palavras aleatórias. O relacionamento da língua com o sujeito pode ser chamado espaço de enunciação, ou seja, o espaço habitado pelo falante.

Quanto à enunciação, para que esta ocorra existe o locutor que terá afinidade suficiente para percorrer o caminho da língua que está vinculada ao texto ou como os nomes aparecem nos textos dos quais se esteja referindo. Esta relação do locutor com o texto resultará no espaço da enunciação. Simplificando, o acontecimento da linguagem é a temporalização de alguns espaços de tempos, como o autor transita entre eles e “a língua que só existe porque há falantes e só falantes porque há línguas” (GUIMARÃES, 2005, p. 18).

Com isso, podemos prosseguir então com a proposta de que o homem, de modo geral, procura meios de registrar e entender suas ações e produções fazendo com que o texto então seja “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p. 21), fazendo com que haja relação entre diferentes unidades de linguagens.



## DSD – Domínios Semânticos de Determinação: Água na Peneira

Para a análise dos domínios semânticos de determinação buscaremos estabelecer a relação do funcionamento e do processo de significação dessas palavras: *água*, *na*, *peneira*, propondo uma escrita específica, sem as possíveis variações que estas palavras possam apresentar. Para Guimarães, DSD representa “determinação é fundamental para o sentido das expressões linguísticas” (2007, p.81).

Em seguida, levando em conta a análise semântica, percorreremos o mesmo caminho do autor quanto à reescrituração e articulação:

[...] dizem respeito às relações próprias das contiguidades locais, como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem. Estes procedimentos enunciativos são próprios de relações no interior dos enunciados ou na relação entre eles. (GUIMARÃES, 2007, p. 05).

A saber: o entendimento de certa expressão em um enunciado que integra um texto, – no caso “água na peneira” – lembrando que nesse caso não cabem reflexões e sim sua articulação com o significado.

Ao analisarmos o poema como um todo, encontramos outras reescriturações para a expressão água na peneira: a) roubar um vento (primeiro parágrafo, terceira linha), b) catar espinhos na água (primeiro parágrafo, quinta linha), c) criar peixes no bolso (primeiro parágrafo, sexta linha), d) escrever (terceiro parágrafo, quinta linha), e) usar as palavras (terceiro parágrafo, oitava linha) e f) ser poeta (quinto parágrafo, segunda linha.). Por meio destas reescriturações para os domínios semânticos de determinação – DSD – podemos concluir que, as expressões buscadas determinam que haja um entendimento do significado, sentido da palavra e





significação, ou seja, semântica, morfologia e sintaxe retomando e ratificando assim a discussão da primeira parte do texto: A Semântica do Acontecimento.

Não há como pensar a linguagem e suas relações sem considerarmos que, apesar de presente, fala-se de algo fora dela, podendo entender aqui que aquilo que um nome designa é construído de modo simbólico. A relação das palavras com o mundo “significam no enunciado com a relação que têm com o acontecimento em que funcionam” (GUIMARÃES, 2005, p. 05).

As relações que constituem o sentido de uma palavra no DSD são representadas por sinais específicos:  $\vdash$  ou  $\dashv$  ou  $\perp$  ou  $\top$  (que significam determina); --- (que significa sinonímia<sup>6</sup>) e o traço \_\_\_\_\_ dividindo um domínio semântico de outro (que significa antonímia<sup>7</sup>).

### **Carregando água na peneira**

Inicia-se a última etapa desse artigo, chamando a atenção do leitor para o significado dos seguintes enunciados: “Água” e “Peneira” são encontrados primeiramente, no título do poema. O autor inicia seu poema dizendo que possui um livro e como ele mesmo diz, há uma parte deste que mais gostou: “sobre um menino que carregava água na peneira.” Esta ideia de carregar água na peneira a princípio causa um estranhamento em quem está lendo, porém, ele logo trata de mostrar que a mãe desse menino buscava explicar como isso era (ou não) possível utilizando de expressões que afirmem o nível de dificuldade de tal feito afirmado pelo autor.

Na primeira estrofe:

---

<sup>6</sup> Sinonímia: É a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados iguais ou semelhantes.

<sup>7</sup> Antonímia: É a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados diferentes, contrários.



Vol. 15, nº 2, (2018)

“Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.  
A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento  
e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.  
A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água  
O mesmo que criar peixes no bolso.”

As expressões “roubar o vento” e “criar peixes no bolso” estão justapostas de modo que reescrevem a enunciação em questão – Água na Peneira. Em por menores, água na peneira determinando roubar o vento que determina criar peixes no bolso.

Roubar um vento | Criar peixes no bolso | Carregar água na peneira

Na segunda estrofe do poema, o autor é mais sucinto ao utilizar-se apenas de duas linhas para dar continuidade, porém, podemos observar que, propositadamente, as poucas linhas chamam atenção novamente, para esse fato curioso deste menino que mantém firme o propósito de feitos tidos como impossíveis:

“O menino era ligado em despropósitos.  
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos”.

Apesar de nesta estrofe não haver uma reescrituração direta, fica sugerida ainda, a possível indagação do leitor sobre que casa seria essa cujos alicerces estão montados sobre uma casa de orvalhos. Observamos neste trecho a ousada relação proposta pelo autor de fatos reais com fatos imaginários, ou subjetivos.



Vol. 15, nº 2, (2018)

Ao continuar, tem-se a terceira estrofe que é mais extensa e explicativa no que diz respeito a particularidades do menino em questão, como a visão de sua mãe e suas descobertas, como se pode ver a seguir:

“A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.  
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.  
Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito  
porque gostava de carregar água na peneira  
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo  
que carregar água na peneira.  
No escrever o menino viu que era capaz de ser  
noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.  
O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.”

É nesta estrofe que o autor retoma a expressão “água na peneira” e mostra de forma objetiva como o menino descobre que pode realizar essa ação – brincando com as palavras e, conseqüentemente, com a imaginação, sem contar que a água é um elemento que está ligado ao imaginário do que se refere à vida, outro aspecto que vale a pena ressaltar é que, podemos encarar a ideia que está adornada no vocábulo; água, como a ideia de que ela representa a poesia que ele viria a carregar na peneira a vida toda e toda a vida. Aqui, “água na peneira” determinando escrever que determina usar as palavras.

Usar as palavras | escrever | água na peneira



Vol. 15, nº 2, (2018)

Neste momento do poema, observamos também as palavras ‘cismado’ e ‘esquisito’ determinando menino:

Cismado e esquisito		menino
---------------------	--	--------

Se levarmos em conta a questão temporal, observa-se que até aqui foi possível percorrer um caminho entre o presente e fatos que já aconteceram sem que fosse prejudicado o sentido e entendimento do poema. Na penúltima e não menos importante estrofe, narram-se fatos que o menino conseguiu executar. Mas, não são fatos quaisquer que meninos normalmente façam, como ele mesmo traz no corpo do texto, o menino fazia prodígios.

“Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto final na frase.  
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor!”

Neste parágrafo, observa-se dois domínios semânticos de determinação, em primeiro plano temos prodígio sendo determinado por interromper o voo de um pássaro, modificar uma tarde e pedra dar flor, e, em segundo, botar ponto final determinando interromper o voo de um pássaro e botar uma chuva determinando modificar uma tarde. Logo, o DSD:

Interromper o voo de um pássaro		botar ponto final	modificar uma tarde	
botar uma chuva nela				

T



Observa-se novamente a relação da subjetividade com a realidade, como se o menino fosse mesmo capaz de realizar todas as ações que a estrofe descreve. Ao finalizar o poema, Manoel de Barros traz à luz a conclusão da mãe que, finalmente, desvenda como esse menino carregaria água na peneira durante sua vida.

“A mãe reparava o menino com ternura.  
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.  
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens  
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.”

Temos ‘água na peneira’ determinando encher vazios que determina ser poeta, trazer na peneira, a vida, realizar o intangível, ou o impossível. Por fim, despropósitos determinando carregar água na peneira.

Ser poeta   encher vazios   carregar água na peneira
T
Despropósitos

Considerando um DSD de todo o poema, teremos então:



Roubar um vento | Criar peixes no bolso   Usar as palavras | escrever   Ser poeta | encher vazios | carregar água na peneira

T

Despropósitos

Interromper o voo de um pássaro | botar ponto final   modificar uma tarde | botar uma chuva nela

T

Pedra dar flor | Prodígios

### Carregar Água na Peneira

#### Considerações finais

A produção do sentido não está limitada apenas àquilo que a linguagem em sua relação com o mundo, mas também, como é percorrida essa constituição de sentido (s). Como foi possível observarmos do próprio poema, existem algumas reescrituras para o “carregar água na peneira” e por meio delas, a mãe do menino consegue olhar para seu filho com ternura, entendendo, finalmente, como atingiria seu sonho: “Meu filho você vai ser poeta”.

Ao analisarmos a expressão “água na peneira”, extraída de um poema de Manoel de Barros, percebemos que os seus sentidos não se restringem aos elencados pelo dicionário ou mesmo a etimologia das palavras, devido à subjetividade com a qual o autor se utiliza. Assim sendo, alguns sentidos são desconstruídos e reconstituídos conforme a leitura do poema.

Por meio do DSD - domínios semânticos de determinação – conseguimos concluir que as relações de outras palavras podem e substituem a expressão analisada de forma que a semântica, o sentido do texto não fosse alterado, retomando essa parte, as palavras e expressões que encontramos



Vol. 15, nº 2, (2018)

reescrevendo “água na peneira” foram: roubar um vento, catar espinhos na água, criar peixes no bolso, escrever, usar as palavras e ser poeta, não se limitando exclusivamente a essas, afinal, como já observado antes o poema é quase que inteiro escrito de modo subjetivo. Em suma, percebe-se então que, o movimento dos sentidos acontece por meio da localização da expressão em determinado contexto na enunciação, cabendo aqui então, ressaltar a importância do acontecimento e da temporalidade na escrita.

### Referências

- BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 8º ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- BARROS, Manoel de. **O Menino que Carregava Água na Peneira**. Disponível em: < <http://www.poesiagalvaneana.com.br/2013/05/o-menino-que-carregava-agua-na-peneira.html#.VYDdlvVikp>>. Acesso em 25 Mar. 2018.
- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Ed. Leya, 2011.
- BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira, São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1987.
- FREITAS, Cláudia. (2012). **Goolgleando Semântica e Seus Domínios Semânticos de Determinação**. Disponível em <<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/clauidiareis.pdf>>. Acesso em: 10 Março 2018.



Vol. 15, nº 2, (2018)

GUIMARÃES, E. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino.** Campinas, SP: RG, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os Estudos da Linguagem, a História e o Domínio da Complementaridade.** Ecos Revista, v. 4, p. 87-91, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento:** Um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Fontes, 2º ed. 2005.

MARTINS, B. **Três momentos de um gênio.** Caros Amigos, São Paulo, Dez. 2006, ano X, nº117.

NASCIMENTO, Ana Cláudia. **A Questão da Referência e a Designação Como Espaço de Constituição do Sentido.** In: 5º ENCONTRO DO CELSUL, Curitiba-PR, 2003 (181-185). (Anais 5º Encontro do Celsul). Disponível em < <http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/021.pdf>> Acesso em: 10 março de 2018.

*Este texto é de responsabilidade de seu autor.*